



O Feio



SEM RODEIOS: o produto é bom; o homem é feio, mas feio; a apresentação será um desastre e as vendas um despautério. A não ser que a cosmética faça qualquer coisa, lembra-se alguém. E faz. Faz do feio um magneto estilo George Clooney em novo; a apresentação é um êxito; Lette está lançado como modelo para o que for preciso e principalmente para o que mais lhe interessa desde que se tornou uma máquina de sexo imparável. E depois vem o carma.

O despeito e a pressão social e familiar que levou o criativo engenheiro ao cirurgião plástico tornou-o belo à brava, é certo. Trouxe-lhe fama e muitas vantagens pessoais e profissionais, e ainda lhe alterou um bom bocado da personalidade, achava ele que para o bem, até ao dia... Até ao dia em que o médico, perante a procura por rostos assim lindos e

atraentes, resolveu corresponder com a oferta de Lettes em série. Ora, como se sabe pelo menos desde Henry Ford ter começado a produzir em massa automóveis iguais, a fatura e a repetição desvalorizam o produto. O que foi bom para o industrial norte-americano, que vendeu mais carros do que toda a concorrência junta, mas uma porcaria para Lette, que perdeu a originalidade e passou a ser mais um; um a quem até a mulher desvalorizou na sua descendente via dolorosa.

O Feio trata da identidade (quem sou/ que faço aqui/ para onde vou? Essas coisas) de maneira brutal e sem abstracção filosófica, porque Marius von Mayenburg (n. 1972), talvez depois de ler *Um Número*, de Caryl Churchill (que veio ao mesmo, contudo de maneira bastante diferente), olhou em volta e reduziu tudo ao essencial,

quer dizer, a um tutano suculento que circula entre o cómico e o patético. A leitura do original (traduzido por Elena Probst e Rodrigo Francisco), transcrita por Toni Cafiero na sua encenação para a Companhia de Teatro de Almada, manipulando as suas sete personagens como titeres com consciência através de um elenco exemplar (André Pardal, João Farraia, João Tempera e Maria João Falcão), evolui de maneira brilhantemente trágico-cômica e apropriadamente pantomineira (a que não é de modo nenhum alheia a qualidade da cenografia e da iluminação, nem o cuidado posto na selecção musical, ou no desenho de som de Miguel Laureano), realçando o ridículo sem evitar a ambígua complexidade de a vida ser vivida como uma representação, todavia sem esmiuçar o assunto, de certo modo como quem desenha caricaturas e deixa à consideração do público a forma de entendimento que cada um considerar mais apropriada.

■ Rui Monteiro

→ Teatro Joaquim Benite, Almada.

Até Dom, 16.00. Qua a Sáb, 21.30. 10€